

ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA CÉLIA XAVIER - AECX

MEDIUNIDADE

DIRETRIZES E ORIENTAÇÕES GERAIS

Ficam instituídas as seguintes Diretrizes e Recomendações aplicáveis ao “DEM – Departamento de Mediunidade” e às “Reuniões Mediúnicas” realizadas na AECX, em cumprimento ao disposto no Artigo 12 do “Regimento Interno” do DEM.

Portanto, as presentes “Diretrizes e Recomendações”, aprovadas pelo Conselho Diretor da AECX, complementam e integram o próprio “Regimento Interno” do DEM.

Art.1 – ORIENTAÇÃO AO CICLO DE ESTUDOS SOBRE MEDIUNIDADE

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB editou ao longo dos anos farta abordagem acerca dos cuidados que devem orientar a atividade mediúnica. Uma delas diz respeito à necessidade imperiosa da realização de estudos preparatórios. Reproduzem-se, a seguir, algumas dessas orientações básicas:

“I V – Estudo e Educação da Mediunidade (curso)”

[1.A] Finalidade

Estudar de forma metódica, contínua e séria, a teoria e a prática da mediunidade, à luz da Doutrina Espírita e do Evangelho de Jesus.

[1.B] Participantes

O Estudo e Educação da Mediunidade destinam-se as pessoas adultas que possuam conhecimento básico da Doutrina Espírita, frequentadoras e colaboradoras nas atividades do Centro Espírita, portadoras ou não de mediunidade ostensiva (dotadas especialmente de psicofonia, psicografia, vidência e audiência), e que pretendam aprofundar o conhecimento doutrinário no campo da mediunidade.

[1.C] Recomendações e observações

- [1.C.1] Os participantes portadores de mediunidade ostensiva, em condições harmônicas, poderão também frequentar reunião mediúnica, a critério do dirigente, desde que não se afastem do estudo.
- [1.C.2] Os participantes que se revelem necessitados de assistência espiritual devem ser encaminhados para as atividades de Atendimento Fraternal do Centro Espírita. Podem permanecer no estudo, caso revelem condições para isso.
- [1.C.3] Importa considerar que a realização do Estudo e Educação da Mediunidade nem sempre indica que os participantes devam ser encaminhados a grupo mediúnico. Isto porque, além da capacitação doutrinária propriamente dita, é necessário que o candidato à prática mediúnica revele possuir condições psicológicas, éticas e morais compatíveis com a natureza do trabalho.

Art. 2 – ORIENTAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

A mediunidade é uma faculdade muito útil e valiosa para o progresso espiritual do ser humano. Não deve ser relegada a segundo plano nem ser deixada ao abandono. Deve ser desenvolvida.

[2.A] Que é “desenvolver a mediunidade”?

Muitos pensam que “desenvolver a mediunidade” é fazer o médium chegar ao ponto de conseguir entrar em transe e servir de intermediário para as manifestações dos Espíritos.

À luz do Espiritismo, porém, compreendemos que a faculdade mediúnica já existe na criatura, eclodindo quando oportuno. Quem se desenvolve é o médium, que, pelo conhecimento doutrinário e aprendendo as técnicas necessárias, consegue entender o exercício da sua faculdade mediúnica, nele se apurando e disciplinando.

[2.B] Qual a época própria para o desenvolvimento?

Como a mediunidade costuma eclodir na juventude (embora também possa se manifestar ainda na infância, ou somente vir a aparecer bem mais tarde, na madureza), alguns acham que a melhor época para se começar o desenvolvimento mediúnico seria ao redor dos 16 ou 18 anos.

Mas estão confundindo a época em que os sinais da faculdade costumam surgir com a época propícia ao desenvolvimento do médium no seu uso.

A época certa para o começo do desenvolvimento mediúnico não é tanto uma questão de idade e de maturidade física do médium, mas, sim, de sua maturidade psíquica, saúde, conscientização e preparo para o exercício da faculdade.

Por isso mesmo, crianças e gestantes ou pessoas enfermas, debilitadas, excêntricas ou que se sobreexcitem facilmente não devem ser levadas às experimentações ou labores mediúnicos.

Também não se deve provocar nem forçar a eclosão da mediunidade, seja por esforço da própria vontade, por hipnotismo ou recorrendo à intervenção de Espíritos levianos.

[2.C] Quem encaminhar para o desenvolvimento mediúnico?

Em princípio, quem quer que esteja equilibrado, saudável e tenha maturidade física e psíquica para o exercício dessa faculdade, poderá ingressar num grupo espírita para receber o preparo doutrinário e, a seguir, iniciar a experimentação mediúnica.

No ambiente favorável do Centro Espírita, fazendo os exercícios adequados, sem nada forçar, desnecessariamente, poderá constatar se possui ou não a faculdade mediúnica ostensiva, que enseja o intercâmbio regular e frequente com o plano espiritual.

Se for médium (mesmo que, anteriormente, não apresentasse nenhum sinal especial), verá sua faculdade aflorar suave e facilmente.

Então, conforme seja o potencial básico e a sua aplicação e perseverança nesse propósito, alcançará determinado grau de desenvolvimento e a realização do intercâmbio de modo seguro e benéfico.

Entretanto, a consolidação do médium no trabalho mediúnico somente se dará após anos de correto exercício da sua faculdade, quando deverá estar mais experiente, material e espiritualmente, definido em suas aspirações e enriquecido no sentimento cristão.

[2.D] Quem já apresenta sinais ostensivos de mediunidade.

Nesse caso, é preciso oferecer logo a orientação espírita.

[2.D.1] Esclarecer o que é a mediunidade, seu valor para o socorro, consolo e edificação espiritual da humanidade; não deve ser ignorada nem desprezada, mas, sim, empregada para o bem.

[2.D.2] Convidar ao desenvolvimento de sua faculdade, explicando que “desenvolver a mediunidade” não é só frequentar trabalhos práticos, e que “prestar a caridade” não é só “entregar o corpo aos Espíritos”.

[2.D.3] Para bem executar sua tarefa mediúnica junto à humanidade: não precisará deixar uma vida normal em família, estudo, profissão e convívio social; mas deverá:

[2.D.3.1] Adaptar sua vida à conduta cristã, para ter autoridade moral sobre os maus Espíritos e oferecer sintonia aos bons;

[2.D.3.2] Estudar a Doutrina Espírita, a fim de aprender como, para que e quando utilizar sua faculdade.

Mas se estiver precisando de assistência espiritual, encaminhá-lo preliminarmente para recebê-la (por meio de passes, vibrações etc.), a fim de suavizar as manifestações que vem experimentando e fortalecer-se fluídica e espiritualmente, enquanto se prepara doutrinariamente para posterior exercício mediúnico. Quando estiver bem preparado é que poderá participar de uma reunião de experimentação e educação mediúnica.

Art. 3 – ORIENTAÇÃO PARA A REUNIÃO MEDIÚNICA

“Quando quiserdes receber comunicações de bons Espíritos, importa vos prepareis para esse favor pelo recolhimento, por intenções puras e pelo desejo de fazer o bem, tendo em vista o progresso geral.” (Pascal – O Livro dos Médiuns, 2ª parte, cap. XXXI, item XIII).

[3.A] Local

Calma e recolhimento são indispensáveis para que o intercâmbio mediúnico se faça com êxito. E não serão conseguidos se o local em que se realiza a reunião mediúnica deixar de oferecer condições básicas aos participantes, a saber:

- [3.A.1] Silêncio;
- [3.A.2] Arejamento, iluminação (até para a leitura, se necessário) e higiene (limpeza, sem maus odores, como o de mofo e etc.);
- [3.A.3] Espaço adequado (para que os participantes se acomodem bem, sem excessiva aglomeração).

Considerando-se estes aspectos, na AECX as reuniões mediúnicas ocorrerão sempre em salas reservadas a essa finalidade específica, previamente designadas, de modo que o ambiente esteja permanentemente preparado e protegido pela equipe espiritual para o que acontece antes, durante e depois da reunião mediúnica.

[3.B] Frequência

De modo geral, as reuniões mediúnicas terão frequência semanal, sempre nos mesmos dias da semana, horário e local.

[3.C] Duração

Recomenda-se que as reuniões mediúnicas na AECX tenham duração de 60 minutos, preferencialmente divididas nas seguintes etapas:

- Prece de Abertura
- Avisos, Recomendações ou Lembretes por parte do Dirigente;
- Estudos (duração de 20 a 30 minutos)
- Intercâmbio mediúnico (30 minutos)
- Prece de Encerramento

A etapa de estudos não é obrigatória, mas altamente recomendável, pois permite a informação e o esclarecimento de encarnados e desencarnados e possibilita a permanente atualização teórica por parte de médiuns e demais participantes.

A etapa de estudos, quando existente, deve utilizar sempre obras doutrinárias de inquestionável conteúdo e notória qualidade, preferencialmente:

Caberá ao dirigente zelar para que os estudos e debates sejam realizados, sempre, em clima de perfeita harmonia e respeito, evitando-se qualquer polêmica ou temas controversos que possam prejudicar o ambiente necessário.

Os mentores espirituais sempre procuram limitar o trabalho de comunicação aos limites fixados, pois sabem que:

[3.C.1] Depois de 30 a 40 minutos, nossa concentração diminui e, conseqüentemente, o rendimento decai;

[3.C.2] Os médiuns não devem ficar em transe por muito tempo.

Se a reunião só tiver parte mediúnica, o limite de tempo para as manifestações poderá se estender para 50 minutos.

[3.D] Horário

Os horários de início e término serão definidos previamente e sua observância é obrigatória:

[3.D.1] Os mentores espirituais não podem ficar indefinidamente à nossa disposição. Têm outras ocupações no plano espiritual;

[3.D.2] Os participantes têm outros compromissos pessoais a atender.

Nunca se deve retardar o início dos trabalhos para esperar por alguém. Nem devem ser aceitos os retardatários, pois, além de não terem participado da preparação inicial, ainda poderão interromper, com a movimentação e ruídos que fizerem, a concentração dos participantes que chegaram pontualmente.

Para conseguir que o horário venha a ser cumprido por todos, é preciso esclarecer e instruir a respeito os participantes, previamente.

Recomendável é que todos os participantes cheguem à reunião 15 minutos antes de seu início.

A antecedência servirá para:

[3.D.3] Facilitar ao dirigente a organização do trabalho (saber com quais colaboradores poderá contar, distribuir lugares e tarefas etc.);

[3.D.4] Ensejar aos participantes algum descanso e o preparo da mente para a reunião.

Nesses minutos prévios, todos evitarão manter conversas estranhas ao ambiente e à finalidade da reunião (ex.: assuntos fúteis, de negócios etc.).

Art. 4 – ORIENTAÇÃO AO DIRIGENTE DE REUNIÃO MEDIÚNICA

[4.A] Qualidades que o Dirigente precisa ter para dirigir uma reunião mediúnica espírita:

[4.A.1] Qualidades Gerais

[4.A.1.1] Conhecimento doutrinário, para poder entender os fenômenos e saber como agir em cada caso, bem como analisar as comunicações dos Espíritos e o trabalho dos médiuns;

[4.A.1.2] Qualidades morais, porque os Espíritos só respeitam a autoridade moral. *“O nome de Deus não tem influência sobre os Espíritos imperfeitos senão na boca daquele que pode dele se servir com autoridade pelas suas virtudes; na boca do homem que não tenha sobre o Espírito nenhuma superioridade moral, é um nome como um outro”.* (O Livro dos Médiuns, 279);

[4.A.1.3] Facilidade e clareza na expressão de ideias, para o diálogo com os Espíritos e na orientação ao grupo e ao público;

[4.A.1.4] Trato fraterno, com firmeza ou tolerância, conforme for necessário.

[4.A.2] Qualidades Específicas na AECX

[4.A.2.1] Possuir experiência em atividades mediúnicas, na própria AECX ou em outra casa espírita de reconhecido zelo doutrinário;

[4.A.2.2] Estar devidamente autorizado pelo “Departamento de Mediunidade – DEM” e pela Diretoria Doutrinária;

[4.A.2.3] Ser associado da AECX;

[4.A.2.4] Ter expressado e firmado compromisso de fiel observância das normas de funcionamento da AECX, especialmente aquelas estabelecidas no Regimento Interno do “DEM” e neste documento.

[4.B] Funções do dirigente em relação ao grupo

É o polo que deve catalisar a confiança e a boa vontade de todos do grupo, representando para os encarnados a diretriz espiritual. Como um líder, deve estar consciente de suas responsabilidades para com o grupo, para com a AECX e para com a Doutrina, procurando atrair todos para o trabalho, não só com palavras, mas, principalmente, pelo exemplo.

Para bem dirigir os seus companheiros, deve:

[4.B.1] Interessar-se fraternalmente por todos;

[4.B.2] Procurar acolher e saber direcionar neles os vícios espirituais (misticismo exagerado, personalismo – ideias pessoais, amor-próprio etc. –, animismo, fanatismo) e os maus costumes;

- [4.B.3] Incentivar o despertar da consciência nova, desprovidas de fingimento de santidade, capazes de dar bom testemunho de convicções espíritas (honestidade, resignação, perseverança no bem);
- [4.B.4] Orientá-los no estudo doutrinário, na atuação na reunião e no trabalho espírita em geral;
- [4.B.5] Conscientizá-los da necessidade de se integrarem às demais atividades da AECX, procurando associar-se e participar de outras atividades sociais ou doutrinárias existentes na AECX e observando estritamente seus estatutos e regulamentos;

Fazendo assim, o dirigente estará preparando elementos para que o Espiritismo se avolume e espalhe, cooperando para a reforma da humanidade e a instalação de um mundo melhor na Terra.

Deve ainda, o dirigente, preparar um ou dois assessores, que o auxiliarão e o substituirão, nos seus eventuais impedimentos justificados.

[4.C] Funções do dirigente na reunião

- [4.C.1] Presidir os trabalhos, encaminhando o seu desenrolar e mantendo a disciplina no ambiente;
- [4.C.2] Observar os acontecimentos que se verificarem, intervindo no que for necessário em relação aos Espíritos, médiuns e demais participantes;
- [4.C.3] Analisar com raciocínio e lógica as comunicações dos Espíritos, aceitando com respeito e gratidão o ensino dos superiores e controlando e orientando os inferiores;
- [4.C.4] Instruir os médiuns no sentido de bem compreenderem a função mediúnica, procurando corrigir-lhes, fraternalmente, os hábitos e vícios mediúnicos que os prejudicam;
- [4.C.5] Procurar conscientizar todos os participantes quanto ao correto comportamento e participação nos trabalhos.

[4.D] O dirigente é superior aos seus dirigidos?

Está investido de maior parcela de responsabilidade, o que não quer dizer que ele deva se considerar superior aos demais companheiros do grupo.

“Fugir de julgar-se superior somente por estar na cabina de comando. Não é a posição que exalta o trabalhador, mas sim o comportamento moral com que se conduz dentro dela. {Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai nele.} – Paulo (Colossenses, 2:6)” De Conduta Espírita – André Luiz, psicografado por Waldo Vieira.

[4.E] O dirigente de reunião mediúnica pode ser médium?

A escolha de Dirigente de Reunião Mediúnica deve recair sobre pessoa não portadora de mediunidade ostensiva. Esta disposição visa a evitar riscos e a possibilitar a completa concentração de recursos e habilidades na função de direção.

Todavia, como a função de direção demanda experiência, conhecimento, tato, habilidades interpessoais e outras características nem sempre comuns, no caso em que não haja recurso humano disponível com essas características, e nos grupos em que a direção é exercida por médium com histórico de desempenho compatível com o rigor que a função de direção exige, admite-se essa situação, em caráter de exceção, e desde que rigorosamente observado o disposto no item 4.f, seguinte.

[4.F] O dirigente de reunião mediúnica pode exercer a função mediunizada?

Segundo Emmanuel, numa reunião mediúnica o médium é o coração e o dirigente é o cérebro; enquanto o médium deve se portar com o sentimento (fé e desprendimento) e ser passivo, o dirigente tem de ser o raciocínio e a lógica, sempre atento e ativo. Como poderá uma pessoa exercer as duas funções ao mesmo tempo?

Portanto, o acúmulo de funções enseja graves riscos de prejuízo ao bom andamento dos trabalhos, ***razão pela qual não é permitido.***

Art. 5 – ORIENTAÇÃO AO PARTICIPANTE DE REUNIÃO MEDIÚNICA

Quem participa de uma reunião mediúnica não deve ser um simples ouvinte ou espectador. Tem de ser um elemento esclarecido e atuante no grupo.

Quem participar mais e melhor da reunião obterá melhores resultados e vantagens dessa atividade.

[5.A] Estudo doutrinário

Sem conhecer a Doutrina Espírita não é possível ser um elemento bem esclarecido e atuante na reunião.

“Espíritas, amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, eis o segundo.” (Espírito de Verdade, O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. VI, item 5)

[5.A.1] Obras básicas:

O estudo constante é absolutamente indispensável ao participante de reunião mediúnica, especialmente das obras básicas, de Allan Kardec: O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese. Leia, também, as suas Obras Póstumas.

[5.A.2] Obras complementares:

Dentre outras, recomenda-se o estudo das obras complementares dos seguintes autores:

[5.A.2.1] Estrangeiros: Léon Denis, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano, William Crookes e Camille Flammarion;

[5.A.2.2] Nacionais: Cairbar Schutel, Bezzera de Menezes, Carlos Imbassahy, Deolindo Amorim, J.Herculano Pires, Rodolfo Calligaris, Richard Simonetti, além das obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier, Yvonne A. Pereira, Divaldo Pereira Franco e Raul Teixeira.

[5.A.3] Obras desaconselháveis:

Existem obras desaconselháveis para o iniciante, porque contêm inverdades, fantasias, exageros. Você só deverá lê-las quando conhecer bem O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns e O Evangelho segundo o Espiritismo, porque estará, então, capacitado a julgar o conteúdo doutrinário de qualquer livro sobre assuntos espirituais, podendo ler de tudo sem se deixar confundir nem enganar, aproveitando o que houver de bom.

“(…) julgai todas as coisas, retende o que for bom.” (Paulo, 1Ts 5:21)

[5.B] Conduta moral

A conduta moral constitui fator indispensável ao participante de reunião mediúnica porque, conforme o tipo de nossos pensamentos, sentimentos e atos, assim é a espécie de Espíritos que se atrai.

Quem estuda os princípios espíritas e os aceita, já deve estar procurando melhorar sua conduta, pois como diz Allan Kardec: *“Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para dominar suas inclinações más”*. (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XVII, n. 4, parte final)

[5.C] No dia da reunião

- [5.C.1] Desde o levantar, deve-se ter em mente o trabalho espiritual de que irá participar mais tarde e a importância dele para o equilíbrio e progresso espiritual;
- [5.C.2] Se houver algum tema doutrinário marcado para a reunião, deve-se procurar estudá-lo previamente, a fim de participar com proveito dos comentários e esclarecimentos;
- [5.C.3] A vigilância espiritual deve ser redobrada:
 - [5.C.3.1] Evitando-se leituras, filmes ou programas de televisão de teor negativo (fúteis, imorais, violentos) e procurando-se tudo que favoreça a elevação da mente;
 - [5.C.3.2] Deve-se zelar para evitar desequilíbrios ou desarmonia no lar ou no ambiente de trabalho, exercitando para tanto a humildade e a paciência;
 - [5.C.3.3] Abstinência completa de fumo, álcool ou qualquer outro vício;
 - [5.C.3.4] Deve-se evitar excessos de qualquer tipo;
 - [5.C.3.5] Recomenda-se alimentação frugal;
 - [5.C.3.6] Evite no dia da reunião resolver problemas que sabidamente pode te desequilibrar.
- [5.C.4] Deve-se procurar exercitar a fraternidade com todas as pessoas e sentir-se intimamente sereno e bem disposto para a tarefa espiritual;
- [5.C.5] Deve-se orar buscando o amparo espiritual, rogando aos mentores espirituais que lhe auxiliem e aos seus companheiros de grupo, na superação de tentações e problemas de toda sorte, que possam ser causados por entidades perturbadas ou perturbadoras ligadas ao trabalho.

[5.D] No local da reunião

- [5.D.1] Para a reunião ter bons resultados, é indispensável que os participantes conservem a serenidade mental e no ambiente. Portanto, deve-se procurar chegar pelo menos 15 minutos antes do horário marcado para o início dos trabalhos; assim, haverá tempo para acomodação sem atraso na organização da reunião;
- [5.D.2] Não se deve tratar de assuntos que não se relacionem com os elevados objetivos da reunião.
- [5.D.3] Usar roupas convenientes de modo a facilitar os movimentos sem exposição exagerada do corpo que distraia atenção dos participantes.
- [5.D.4] Evitar o uso exagerado de perfumes e relacionados, pois, em geral as salas são pequenas, com ventilação restrita e estarão fechadas durante a reunião.
- [5.D.5] A música ambiente, pode ser utilizada como recurso complementar para harmonizar o ambiente durante a reunião, desde que aprovada por todos os participantes, pois nem todos são capazes de ter uma boa concentração com estímulos externos e respeitando-se o volume adequado somente para atender o ambiente da reunião de forma a não gerar ruídos para as reuniões vizinhas.
- [5.D.6] O canto, a poesia e a prece também podem ser utilizados como recursos complementares para harmonizar o ambiente, ajudando em situações pontuais onde haja queda da sustentação fluídica. Evitar que se tornem situações frequentes para não serem confundidos com um ritual. Evitar palmas e acompanhamentos instrumentais, respeitando-se o volume adequado somente para atender o ambiente da reunião de forma a não gerar ruídos para as reuniões vizinhas.

[5.E] Durante a reunião

- [5.E.1] Como se posicionar.
- Preparando-se para participar da reunião mediúnica, deve-se colocar o corpo em posição confortável, que facilite o repouso físico e a circulação sanguínea.
- Assim, pode-se despreocupar das coisas materiais, ficando favorecida a nossa concentração e, também, a possível expansão perispiritual.
- Nas reuniões mediúnicas, assim como fora dela, o modo como nos posicionarmos denotará educação.
- A corrente fluídica não depende da posição dos membros do corpo. Portanto, não é espiritualmente necessário nem será obrigatório:
- [5.E.1.1] Deixar braços e pernas descruzados. Será bom apenas ficarem os braços mais livres para se apoiar e para evitar eventual dormência nos pés.

[5.E.1.2] Espalmar mãos sobre a mesa. As mãos sobre a mesa são apenas um conveniente apoio para o equilíbrio corpóreo de quem está sentado nela.

[5.E.1.3] Dar as mãos uns aos outros. O efeito, no caso, será mais afetivo e psicológico, externando união e apoio mútuo entre os participantes da reunião.

“A cadeia de mãos é um meio material que não estabelece a união entre nós, se ela não existe no pensamento. O que é mais útil do que isso é o unir-se em um pensamento comum, apelando, cada um de seu lado, aos bons Espíritos.”
(O Livro dos Médiuns, item 282, questão 15)

Estes esclarecimentos são úteis aos médiuns e participantes, mas o importante é não deixar ninguém inibido, porque o constrangimento pode prejudicar a boa concentração e participação na reunião.

[5.E.2] Não durma

A tendência a dormir nas reuniões se dá porque:

[5.E.2.1] Há esgotamento por emoções ou atividades, ou alimentação excessiva ou inconvenientemente (o processo de digestão causa sonolência);

[5.E.2.2] O participante não quer se interessar pela reunião nem se motiva pelo trabalho;

[5.E.2.3] Espíritos adversários tentam ação hipnótica, para anular sua presença na reunião;

[5.E.2.4] Permita ao participante ficar de pé na sala, em local que não obstrua o atendimento, quando não conseguir vencer o sono. Este procedimento pode ajudá-lo à disciplinar a vontade para não dormir nas reuniões.

[5.E.3] Manutenção da concentração

Deve-se estar atento às leituras, comentários e orientações que preparam o ambiente espiritual da reunião.

Deve-se acompanhar mentalmente, com fervor, a oração de abertura.

Não se deve deixar o pensamento divagar sem proveito. Concentrar é fixar a mente num ponto de interesse. Pense em Deus, em Jesus, nos mentores espirituais, no trabalho espiritual a realizar, no amor ao próximo.

Deve-se manter em atitude de cooperação mental, na boa vontade e no desejo de que os trabalhos decorram em ordem e assistidos por Espíritos bons.

[5.E.3.1] Atenção às manifestações.

Atenção às manifestações é um dos modos de se concentrar no trabalho mediúnico.

Caso seja um Espírito bom se manifestando, haverá aprendizado com o que ele disser.

Se for um Espírito em desequilíbrio, deve-se manter o pensamento no bem e em oração. Não se deve temer ameaças e nem alimentar curiosidade malsã ao ouvir os relatos dos problemas e sofrimentos dos Espíritos; ouça com caridade, ajude com sua prece e aprenda, na dolorosa experiência deles, a não praticar os mesmos erros, para não vir a sofrer as mesmas consequências.

[5.E.3.2] Conversação com os comunicantes

A reunião mediúnica não se destina a conversações pessoais com os Espíritos, mas para ajudar a formar um ambiente em que o intercâmbio mediúnico possa atender aos interesses superiores e gerais.

[5.F] Ao término da reunião

[5.F.1] Mesmo que, no plano material, a reunião já tenha terminado, deve-se manter atitude respeitosa, porque é a compatível com os mentores espirituais podem estar procedendo, ainda, ao arremate dos trabalhos no plano espiritual.

[5.F.2] Se houver alguma coisa a ser esclarecida, quanto às manifestações que se deram na reunião, converse com os dirigentes do trabalho. Mas não saia fazendo comentários desnecessários sobre o comportamento dos Espíritos ou dos médiuns, nem sobre as manifestações que ocorreram. Entidades sem esclarecimento ou perturbadoras poderão se sentir atraídas outra vez e provocar novas manifestações.

[5.G] Ausências às reuniões

Quando faltamos à reunião, mesmo por motivos justos, comprometemos em parte o equilíbrio e o resultado que poderia ser obtido.

Não somos melhores que nenhum outro integrante do grupo, mas nossa participação completa a harmonia do grupo, como uma orquestra que ensaia o ano todo completa e no dia da apresentação se priva de um de seus integrantes.

No grupo harmonizado, com integrantes esclarecidos e preparados, um elemento completa e nutre o outro. Portanto, evite a todo custo desfaltar o seu time no dia do jogo.

Quando for inevitável a ausência, devemos comunicar previamente e preferencialmente ao dirigente, justificando o ocorrido.

Orientamos que quando ocorrer ausência injustificada por mais de duas reuniões seguidas, o dirigente deverá buscar contato com o companheiro ausente para identificar o ocorrido.

O motivo pode ser justo e o companheiro pode estar passando por dificuldades, onde é dever cristão do grupo amparar aquele que necessita. Mas o motivo pode ser também por displicência e neste caso o dirigente deverá avaliar a melhor medida a ser tomada.

Recomendamos neste último caso que o companheiro seja afastado momentaneamente, encaminhado para reuniões de estudo ou pública, por um período mínimo de três sessões seguidas, configurando tratar-se de motivo menos relevante.

Para os casos além da displicência, por motivo mais irresponsável, poderá se chegar ao afastamento definitivo, conforme análise e decisão do dirigente da reunião.

O DEM somente interferirá, em ocorrências internas da reunião mediúnica, caso a mesma ultrapasse os limites do grupo mediúnico, escapando do controle do dirigente local, prejudicando outros grupos ou outros trabalhos da AECX.

Art.6 – ORIENTAÇÃO AO ATENDIMENTO AO MÉDIUM E AO DIÁLOGO COM OS ESPÍRITOS NA REUNIÃO MEDIÚNICA

[6.A] Existe um modelo para o diálogo esclarecedor?

Não, pois o grau de evolução dos Espíritos comunicantes e as situações no intercâmbio com eles variam muito.

Quando se trata de Espíritos esclarecidos e benévolos, o diálogo é natural, fraterno e seguro, gratificante e proveitoso.

Quanto aos Espíritos necessitados de assistência, uns entendem rápido o que dizemos, outros têm dificuldade para compreender. Uns precisam mais de palavras carinhosas; outros, de vibrações boas do ambiente; outros, de algum conselho ou esclarecimento; e outros, de serem tratados com energia serena e construtiva.

Todos, porém, são carecedores de compreensão e tratamento adequados, cada qual na dor ou no problema em que se exprimem, exigindo paciência, entendimento, socorro e devotamento fraternais.

“A observação, o estudo e o conhecimento prático dos homens contribuem vantajosamente para adquirirmos os segredos de conversar simpaticamente com os Espíritos, mas somente após prolongado tirocínio conseguiremos atingir o grau necessário.”

Kardec soube, com proficiência e rara habilidade, falar aos Espíritos, tendo o objetivo firmado de colher frutos benéficos para a humanidade. Com paciência, perseverança, ordem e método, colheu e ordenou, do diálogo com os bons Espíritos, a Doutrina Espírita; e a muitos Espíritos necessitados esclareceu, confortou, reencaminhou.

[6.B] A quem compete o diálogo?

Num grupo mediúnico, há pessoas mais habilitadas ao diálogo com os Espíritos. Podemos chamá-los de dialogadores.

[6.B.1] Observação:

Costumam ser chamados também de doutrinadores, termo não apropriado, porque nem todos os Espíritos que se comunicam numa reunião mediúnica precisam ou podem ser doutrinados (isto é, nem sempre estão em condições de ser instruídos numa doutrina).

André Luiz, no livro *Desobsessão*, fala em médiuns esclarecedores, classificados como tal:

- O dirigente do grupo;
- Os assessores que ele designa para auxiliar no diálogo com os Espíritos comunicantes.

Diz, também, que os médiuns esclarecedores são mantidos, na reunião, sob a condução e inspiração dos instrutores e benfeitores espirituais e utilizados para o ensinamento ou o socorro necessário aos Espíritos comunicantes.

O diálogo com os Espíritos compete, pois, ao dialogador (ou médium esclarecedor) porque:

- Tem as qualidades e preparo para o diálogo, que é imprevisível;
- Para ele convergem, na reunião, a assistência e a atuação dos Espíritos orientadores.

Nunca deve o dirigente entregar essa tarefa a pessoa inabilitada.

- [6.B.2] A proposta do DEM na AECX é designarmos a função como Atendimento, pois entendemos que além do diálogo com o Espírito comunicante, também é feito atendimento ao médium, auxiliando em sua sustentação, recomposição energética e bem estar. Portanto, o dialogador/esclarecedor na função atendimento deverá estar atento tanto ao médium quanto ao Espírito e não somente ao diálogo.

[6.C] Qualidades que o colaborador do atendimento deve ter

- [6.C.1] Formação doutrinária sólida
Com apoio nos livros da codificação kardequiana, deve conhecer:
- [6.C.1.1] As leis do universo moral e as condições de vida no espaço, para examinar os problemas que o Espírito apresenta, as situações em que ele se encontre, e apontar-lhes a solução, tudo sob a ótica espírita;
- [6.C.1.2] Os fenômenos mediúnicos, tipos de médiuns e mediunidade, passe, oração, recursos e técnicas outras que favoreçam o trabalho dos medianeiros e o atendimento das entidades;
- [6.C.1.3] A mensagem do Evangelho de Jesus, para o qual convergem as conclusões morais do Espiritismo.
- [6.C.2] Autoridade moral
Só a ela os Espíritos respeitam. Sem pretender ser “santo”, mas fazendo esforço pelo seu próprio aperfeiçoamento.
- [6.C.3] Fé
Que seja uma fé espírita, isto é, raciocinada, sincera. Sem ela, terá incerteza e a hesitação no trato com os Espíritos.
- [6.C.4] Amor
Sincero desejo de ajudar, que até aos ataques e vibrações contrárias responde com benevolência e nos leva a nos colocarmos no lugar do sofredor ou rebelde, para entendê-lo e poder auxiliá-lo;

- [6.C.5] Confiança em si mesmo, na assistência dos bons Espíritos, no passe, na prece, e no potencial espiritual do comunicante (também é filho de Deus).
- [6.C.6] Outras qualidades também desejáveis
- [6.C.6.1] Paciência (saber ouvir, suportar, esperar);
- [6.C.6.2] Sensibilidade, tato (perceber o campo em que pisa, reações do Espírito, seus pontos mais sensíveis e acessíveis);
- [6.C.6.3] Vigilância (de si mesmo, o que pensa, sente, supõe ou intui; do que diz o comunicante nas entrelinhas; do que ocorre a sua volta com encarnados e desencarnados) que evita ou previne perigos, prejuízos, fraudes;
- [6.C.6.4] Energia, na hora certa (atitude firme sem ser agressiva nem contundente);
- [6.C.6.5] Prudência (não provocar nem desafiar);
- [6.C.6.6] Humildade (não se julgar superior ao comunicante, respeitá-lo; se não conseguir tocá-lo no sentimento, aceitar o fato com naturalidade e, se conseguir, não se vangloriar nem tripudiar sobre o Espírito);

Quanto ao tipo de mediunidade, serão úteis para o dialogador as que não tirem a lucidez (de que vai precisar para estar atento a tudo), tais como: intuição, vidência, audição.

[6.D] Influência do grupo no diálogo

O esclarecimento aos desencarnados sofredores é semelhante a um atendimento fraterno e a reunião é tratamento em grupo.

O conjunto mediúnico em ação é comparável a um dínamo, em cujas engrenagens a corrente mental do amparo necessita circular equilibradamente na prestação de serviço.

O que cada participante pensar, sentir e fizer estará influenciando no ambiente espiritual da reunião, devendo, pois, conservar elevação nos pensamentos e correção nas atitudes, antes, durante e depois de cada tarefa.

Mesmo que não seja médium (de psicofonia, piscografia, vidência, audição etc.), o seu concurso será sempre valioso, porque dará ao ambiente espiritual da reunião a sustentação psíquica, vibratória, fluídica. Será um elemento de sustentação (ou de apoio).

- [6.D.1] Assim, na reunião mediúnica, todos os participantes devem:
 - [6.D.1.1] Não se render ao sono nem se deixar desdobrar, saindo espiritualmente do ambiente (a não ser quando necessário às tarefas da reunião).
 - [6.D.1.2] Manter silêncio, oferecendo ao dialogador e aos médiuns sustentação psíquica, vibratória, fluídica.

- [6.D.1.3] Atender aos apelos de maior cooperação mental que o dirigente fizer, quando ela se mostra necessária.
- [6.D.1.4] Manter simpatia e solidariedade na alma, ante cada Espírito comunicante (jamais ideias de censura, crueldade, ironia ou escândalo), para que o necessitado encontre apoio real no socorro que lhe seja ministrado.

[6.F] Em relação ao diálogo

Apoiar mentalmente quem estiver dialogando com o comunicante, para que ele se saia bem com a ajuda do plano espiritual e o Espírito consiga ser esclarecido e encaminhado.

Estar atento ao diálogo, mas evitar envolver-se nele, seja discordando ou querendo dar sua opinião pessoal; não fazer isso nem mesmo em pensamentos, pois causa interferência mental e fluídica prejudicial ao trabalho do esclarecedor e dos bons Espíritos junto a ele.

Não fazer trabalho mental de “doutrinação” paralelo ao que é exercido pelos esclarecedores.

Não se deixar levar pelos Espíritos perturbadores que às vezes tentam arrastar outros membros do grupo ao debate, afastar o esclarecedor da conversação, em técnica sutil de desmoralização.

6.G Andamento do diálogo

[6.G.1] Como o diálogo começa

O próprio Espírito pode tomar a palavra para dialogar conosco ou transmitir mensagem.

Muitas vezes, porém, o Espírito apenas expressa o que está sentindo (sofrimento, contrariedade, perturbação etc.) e o dialogador vai atendê-lo, estabelecendo-se então o diálogo.

Pode, também, o médium dar sinais de estar envolvido e o dialogador, notando isso, dirige ao Espírito comunicante uma saudação sinceramente cortês, respeitosa e fraterna.

Esta saudação inicial deve ser objetiva, para atender os propósitos da reunião. Vejamos a seguir alguns exemplos para ajudar aos iniciantes, sem querer impor qualquer fórmula ou regra.

Evitar as seguintes referências na abertura do diálogo, que normalmente utilizaríamos com um encarnado:

Boa noite;
Meu irmão;
Você está numa Casa Espírita;
Seja bem-vindo;

Meu querido;
Em nome de Jesus.

Não diríamos que são procedimentos errados, porque, ao longo da conversa, estas referências até podem ser ditas. Mas, tenhamos critérios bem direcionados para utilizá-las sem que haja prejuízo com o tempo perdido em explicações e contendas.

[6.G.2] Boa noite. Pela prática, notamos que o Espírito muitas vezes está num tempo que não é aquele em que se está realizando a reunião. Não vamos perder tempo em querer provar que a realidade é diferente. Se for necessário trazer para o mesmo tempo do dialogador, podemos utilizar mais a frente no diálogo uma técnica de transposição, sem conflito com a percepção atual do Espírito.

[6.G.3] Meu irmão. Essa outra referência também não é adequada, a menos que o esclarecedor esteja vendo o Espírito e tenha uma ideia exata de sua sexualidade. Quando erramos o sexo do Espírito, estamos dizendo a ele, indiretamente, que não o enxergamos, e, em consequência, provocamos uma situação difícil de explicar sem que o Espírito tenha os conhecimentos da doutrina espírita. O melhor a fazer é não adjetivar o Espírito que começa a falar e do qual não temos a menor ideia de quem seja antes que ele nos dê uma indicação precisa se é homem ou mulher. Se for necessário identificar o sexo, podemos nos valer de dicas do médium ou de técnicas de questionamentos que forcem na resposta a indicação da sexualidade.

Ainda neste caso, a referência “meu irmão”, pode provocar um sentimento antagônico ao Espírito que não o reconheça como irmão.

[6.G.4] Você está numa casa espírita. Também não é uma citação adequada, pois a grande maioria dos Espíritos não é espírita e pode mesmo ter outra crença. Na hipótese de essa crença ter aversão ao Espiritismo, vai se criar uma barreira na comunicação, além do tempo numa conversa de esclarecimento doutrinário que não é o essencial no momento.

Também neste caso, temos a questão temporal (tempo e espaço) de volta, pois o Espírito pode estar mentalmente fixado numa outra região e não perceber que está numa sala de reunião. Aqui também, se necessário, empregaremos técnica de transposição para não perdermos tempo em conflitos desnecessários.

[6.G.5] Seja bem-vindo. A mesma situação do “meu irmão”, a adjetivação está admitindo de início que o Espírito é masculino, sem termos certeza. Considere-se ainda o fato de que o Espírito comunicante pode estar ali contra a sua vontade, e não se considerar bem-vindo ou bem-vinda.

Aqui também temos a questão tempo-espaço. A percepção do comunicante pode estar em outro local e, se é assim, como ele pode ser bem-vindo, se quem está “chegando” é quem está fazendo o atendimento?

[6.G.6] Meu querido. Aqui temos a mesma situação da referência “meu irmão”. Além da adjetivação dando a entender que o Espírito é do sexo masculino, tem-se a possibilidade de ser um obsessor que não o reconheça como irmão.

[6.G.7] Em nome de Jesus. Exigir que o Espírito fale em nome de Jesus também pode provocar situações difíceis caso o comunicante tenha outro profeta de preferência. Falar de Jesus é sempre bom, mas vamos fazê-lo no momento e da forma mais apropriada para não perdermos tempo em debates infrutíferos e desnecessários. Se durante a conversa surgir à oportunidade, podemos e devemos falar de Jesus. Mas, no início do processo, sem ter ideia de qual é a religião do comunicante, é melhor não fazê-lo.

[6.G.8] O que devemos falar na abertura do diálogo?

A recepção deve ser a menos comprometedoras possível. Algo como: “podemos conversar?”, “posso ajudar?”, e variações em torno dessas locuções são mais adequadas. Mesmo assim devemos evita-las caso o Espírito comece dizendo alguma coisa, pois devemos aproveitar e responder no sentido de dar continuidade à conversa.

Usar a terceira pessoa para não correr risco de confundir o comunicante sobre sua sexualidade, com o uso do pronome de tratamento – você.

Estes exemplos aparentemente simples, podem se tornar complexos, e evidenciam o quanto devemos estudar para lidarmos corretamente com a comunicação mediúnica e dela tirarmos o melhor proveito. Sem dúvida a prática, com o tempo, irá nos dar mais segurança, mas o estudo é fundamental como Kardec nos ensinou. Os fenômenos espíritas precisam ser observados para tirarmos deles as leis e consequências necessárias ao nosso entendimento.

Se, apesar da saudação inicial, o Espírito ainda não se decide a falar, o dialogador pode formular pergunta estimuladora, insistir fraternalmente. Ex.: “Estamos ao seu dispor”; “Como se sente?”; “Deseja alguma coisa de nós?” e “O que você está sentindo?”

As primeiras palavras que dirigimos ao Espírito e o modo como o fazemos são de grande importância, pois podem influir no acolhimento que, em consequência, ele nos dará.

[6.G.9] Deixar falar

No começo é preciso que ele fale e o ouçamos, para começarmos a conhecer: quem é, a que veio, se ignora ou não o seu estado, se pode dialogar com clareza ou não, qual a sua história, motivação ou razões.

Sem saber isso, não conseguiremos ajudá-lo verdadeiramente.

Mas não se trata de fazer um interrogatório tolo (por exemplo: qual o seu nome? de que morreu? onde foi enterrado?). Nossas perguntas serão poucas, breves, apenas para motivar a que fale.

O dialogador ouvirá as respostas e analisará as ideias, linguagem, atitudes do Espírito. Poderá, também, deduzir o sexo a que ele tenha pertencido, para que a conversação elucidativa se efetue na linha psicológica ideal.

[6.G.10] Observação

Se o Espírito se sentir “mudo”, sugerir que responda por acenos ou escreva. onolento, só querendo dormir? (Espírito que foi evangélico poderá achar que precisa ficar dormindo, à espera do Juízo Final.) Certamente não foi para que continue dormindo que os bons Espíritos o trouxeram à nossa reunião e, sim, para que o despertemos e ajudemos. Procurar despertá-lo, atrair sua atenção, fazê-lo se interessar pelo agora, o que se passa ao seu redor. Ex.: “Sabe onde se encontra?”, “Observe o ambiente”, “Você precisa despertar porque há algo importante e bom para lhe dizermos”.

[6.G.11] Contenha os abusos

Os Espíritos podem se exprimir pela psicofonia com desinibição ou desabafo, até mesmo gesticular, desde que sejam respeitadas: a integridade do médium e a dos participantes, a dignidade do recinto e a do trabalho, a disciplina do tempo.

[6.G.12] O médium capta pensamentos

Às vezes, o comunicante “deixa escapar” na conversa suas verdadeiras posições espirituais, porque o médium captou o pensamento dele e não apenas o que ele falava. Isto ajuda a entender o Espírito em sua realidade.

[6.G.13] As intuições

Prestar atenção no campo intuitivo, a fim de registrar, com segurança, as sugestões e pensamentos dos benfeitores espirituais, cuja assistência não falta. Procurar merecê-la por um sincero esforço em favor do progresso (seu e do próximo), exercitando prudência, humildade, serenidade.

Agindo assim, não afastaremos de todo o perigo das mistificações (até certo ponto elas são necessárias como advertência e objeto de estudo, por isso, os Espíritos protetores as permitem), mas encontraremos mais facilidade em reconhecer a verdade.

Durante todo o atendimento ao manifestante, mantenha-se atento, compreensivo e discreto.

[6.G.14] Converse assim, no decorrer do diálogo

[6.G.14.1] Em termos claros e lógicos, numa linguagem acessível a todos os presentes (encarnados ou não); procurando fazer que o esclarecimento seja benéfico também para os outros Espíritos necessitados que ali se encontram e, às vezes, nem chegam a se manifestar.

- [6.G.14.2] Tecendo, quando possível, comentários em torno da Doutrina Espírita e dos ensinamentos evangélicos (mas sem a preocupação de mostrar erudição nem de dar uma aula de Espiritismo). A não ser que o Espírito faça um questionamento direto, vamos manter o sentido correto da expressão “em torno” sem doutrinação alguma.
- [6.G.14.3] Aliando ao raciocínio o sentimento, a compaixão, não fique “assistindo” à comunicação; você tem de fazer uma apreciação emocional da manifestação; aprenda a vibrar com o comunicante, a sofrer com ele, compreender suas dificuldades e temores; mas não o acompanhe nos seus desequilíbrios emocionais.
- [6.G.14.4] Procurando entender e não vencer; é uma tentativa de entendimento e não uma disputa; não é para “ganhar a briga”, mas sim estudar com empatia ou drama, ajuda-lo, compreendê-lo, servi-lo.
- [6.G.14.5] Sem impaciência ou despreço (mesmo que provocado ao azedume ou à hilaridade), sem crítica, censura, acusação ou julgamento; evitando atitudes ou palavras violentas, mas fugindo da doçura sistemática que anestesia a mente sem renová-la.
- [6.G.14.6] Evitando sustentar longas polêmicas, que só fazem perder tempo (é o que alguns Espíritos querem) ou causam irritação em nós ou nos comunicantes.
- [6.G.14.7] Dosando a verdade para que a franqueza não seja destrutiva, nem fira quem não está em condições de recebe-la, ou seja, o Espírito que veio em busca de socorro, lenitivo, esclarecimentos que lhe dessem paz.
- [6.G.14.8] Sem forçar o comunicante a uma decisão, mas esclarecendo o valor da oportunidade, seu real objetivo como Espírito imortal, sugerindo uma atitude, um caminho.

[6.G.15] Use como recursos auxiliares

- [6.G.15.1] **A prece.** Com ela captamos e canalizamos energias universais e atraímos o concurso dos bons Espíritos, que unem suas forças às nossas, intensificando-as ou suprimindo nossas deficiências. Podemos, também, convidar o comunicante a orar conosco ou orarmos nós por ele.
- [6.G.15.2] **O passe.** Para beneficiar Espíritos ou médiuns, aclamando o ânimo, oferecendo energias, dispersando-as ou redistribuindo-as.
- [6.G.15.3] **A sugestão e o hipnotismo,** para combater os prejuízos existentes na mente e no perispírito do comunicante (chagas, aleijões, deformidades, condicionamentos, idéias fixas etc.), causados anteriormente por ele mesmo ou por influência dos maus Espíritos que dominaram. Neste caso, podemos induzir o Espírito ao sono ou a sugestão da tela mental.

Em situações onde a lógica do diálogo e a intuição indiquem que uma lembrança de uma vida passada, em determinado episódio possa esclarecer

ao Espírito, pode se usar o recurso da sugestão da tela mental. Ex: Um Espírito que não consiga entender ou aceitar o fato de viver como um morador de rua. Um Espírito que não consiga entender o motivo de ter sofrido tanta perseguição e ódio e etc.

Procedimento (trata-se apenas de um exemplo e não se exige que se faça exatamente como aqui é narrado): Informe que vamos ajuda-lo a recordar o motivo que o levou a estar nesta situação. Esclareça que tudo que vivemos nesta e em outras vidas fica arquivado na nossa organização psicossomática. Com uma mão no alto do centro coronário espalmada para baixo e com a outra na direção do cardíaco espalmada para o rosto do médium, peça de maneira firme e incisiva para o Espírito olhar na imagem que está sendo colocada na frente dele (veja a imagem que está sendo colocada a sua frente...). Em geral o Espírito começa meio confuso, perguntando o que estão fazendo, o que é que estão lhe mostrando. Traga o Espírito para o foco da questão. Pergunte o que está vendo. Não use de curiosidade para ficar perguntando detalhes. Muitas vezes o Espírito informa o que está vendo e compreende a situação e fica motivado a aceitar e a mudar. Outras vezes não informa o que está vendo, mas mostra que entendeu a situação. Ao perceber que o Espírito entendeu ou verificou na cena plasmada a informação que ele necessitava, retire-o desta situação e volte para a continuidade do atendimento fora da tela mental.

Fale assim, por exemplo, lembre-se que em geral é uma situação de sofrimento para o Espírito, “você não necessita ver mais, não se prenda ao que foi mostrado, não há necessidade de me relatar o que viu, o importante é você entender que nós somos os artífices da nossa desdita ou felicidade, que Deus é pai e que sua misericórdia está sempre presente em nossas vidas para nos ajudar a voltar para o caminho que nos leva ao crescimento e a felicidade.”

No capítulo 33 do livro Desobsessão, André Luiz diz o seguinte: “Praticar a hipnose construtiva, se necessário, no ânimo dos Espíritos...usando sonoterapia para entrega-lo à mentoria, ou efetuando projeção de quadros mentais para esclarecimento dos desencarnados menos acessíveis à ajuda.”

[6.G.15.4] **A ectoplasmia.** Trabalhado pelos bons Espíritos, o ectoplasma emanado pelos médiuns de efeitos físicos ou demais participantes da reunião poderá recompor o perispírito do manifestante, nos casos em que haja sofrido deformações mais sérias (Ex.: zoantropia, ou seja, formas animalescas.)

[6.G,15.5] **Técnica de transposição**

Se o Espírito estiver com ideia fixa, “andando em círculo”, sem saber sair dele, procurar “quebrar” esse monólogo. Às vezes parece nem ouvir. Fazer pergunta oportunas e com interesse fraterno, chamar sua atenção para algo diferente; ou “entrar no seu tema” para, logo, puxá-lo para outros ângulos, descongestionando o seu campo mental.

Uma das técnicas de adentrar o espaço e tempo em que o Espírito se encontra é através da fala esclarecedora e pela lógica.

Se o Espírito estiver preso em um local, por obsessão, por acidente, por medo, numa situação aflitiva qualquer. Vamos procurar fixar a atenção dele em nossa voz, e vamos trazê-lo até nós. Podemos sugerir que feche os olhos e nos dê a mão, e enquanto falamos, vamos dando ciência que ele está sendo removido e ao chegar onde estamos, peça-lhe para abrir os olhos e observar que o local já é outro.

Procedimento (trata-se apenas de um exemplo e não se exige que se faça exatamente como aqui é narrado): Exemplo de um Espírito que se vê preso em um buraco, escombros, fundo de rio, soterrado e etc: Informar que você faz parte da equipe de socorro. Na sequência, muitas vezes pelo tempo e situação aflitiva, o Espírito não entende como alguém poderá resgatá-lo. Conduza pelo caminho da lógica, pergunte o óbvio (você não está ouvindo a minha voz? Não estamos estabelecendo um diálogo? Não escuto e respondo suas perguntas?) Desta forma o Espírito começará a entender que de alguma forma ele não está sozinho naquele lugar. Vamos somar a técnica de transposição e sugestão hipnótica (ver 6.G.15.3). Diga ao Espírito para continuar prestando atenção na sua voz, fechar os olhos e não desviar a atenção da sua voz, que ele será retirado enquanto você fala e ele houve a sua fala. Se quiser, pode descrever o que vai acontecendo como reforço sugestivo, ex: você está sendo retirado, já está do lado de fora, estamos colocando você em uma maca, você já está sendo levado para o pronto socorro, agora já pode abrir os olhos pois já estamos no pronto socorro. Perceba a diferença do ambiente, do ar e etc.

A ideia da transposição é mudar o Espírito de situação, no tempo, no espaço e da situação aflitiva isolada, para o ambiente de socorro e segurança fraterna, onde possa o diálogo tomar outro rumo para o esclarecimento ou o Espírito possa ser encaminhado.

[6.G.16] Você pode e deve solicitar o afastamento da entidade que:

- Não se dispõe a falar ou não dá sinais de aproveitamento do esclarecimento ou das vibrações recebidas.
- Demora para se retirar, por indecisão ou por querer permanecer além do permitido.

Proceda assim:

- [6.G.16.1] Explique fraternalmente ao Espírito os prejuízos que sua atitude está causando ao médium (desgaste fluídico, impressões penosas etc.), ao trabalho da reunião (outros Espíritos precisam ser atendidos; ou, se é no final, o tempo se esgotou e é preciso encerrar) e, em seguida, peça-lhe para que se afaste. Sugira aos que estão indecisos que acompanhem os Espíritos socorristas. Informe que, se for permitido pelos mentores, voltará em outra oportunidade e então conversará melhor.

- [6.G.16.2] Se o Espírito não atender ao pedido, firme o pensamento no bem e ordene-lhe o afastamento (costuma-se dizer: “Em nome de Deus” ou “em nome de Jesus”, “afaste-se”).
- [6.G.16.3] Se achar necessário, antes de ordenar, peça a ajuda dos demais participantes pela concentração e prece íntima. Peça ao médium que se desconcentre, interrompa a comunicação e volte ao seu estado normal. Use, também, os passes dispersivos.
- [6.G.16.4] Se, ainda assim, o Espírito continuar em sua posição, não se retirando, ore com fervor, pedindo a interferência dos dirigentes espirituais que, por certo, não deixarão de vir lhe prestar sua decisiva ajuda.

[6.G.17] Atende para isto:

- [6.G.17.1] Não prolongue a conversação além de 10 minutos em média, porque há outros casos requerendo atendimento, um horário a observar e o médium não deve ficar muito tempo sob a ação do comunicante necessitado (que o desgasta e o impressiona prejudicialmente).
- [6.G.17.2] Não se coloque próximo demais ao médium nem lhe fale muito de perto e evite tocar no seu corpo, para não lhe causar constrangimento, perturbar sua concentração, interferir magneticamente.
- [6.G.17.3] Controle o tom de sua voz para que seja suficientemente audível, mas não fira os ouvidos do médium nem atrapalhe os outros diálogos que possam estar em andamento.
- [6.G.17.4] atendimentos simultâneos poderão ser feitos desde que não haja prejuízo para a ordem da reunião.
- [6.G.17.5] Ao final de cada atendimento, ajude no despertamento e recomposição do médium, se necessário. Na dúvida, use o bom senso, pergunte ao médium se ele necessita de passe ou de uma água, conforme o caso exigir.
- [6.G.17.6] É importante para quem está fazendo atendimento, que passe a observar nos médiuns do grupo, suas características, pois não existem dois médiuns absolutamente iguais, para que haja maior confiança e segurança por parte do mesmo.

[6.H] O diálogo ante a identificação do Espírito comunicante

Este é um assunto polêmico, tratado de diferentes formas em muitas casas espíritas, e que pega de surpresa alguns atendentes novatos e até mesmos alguns dirigentes com pouca base doutrinária. A melhor orientação é que seja estudado o capítulo XXIV – Da Identidade dos Espíritos em O Livro dos Médiuns. Mas para resumir, e levar algumas orientações preliminares, vejamos algumas notas de Kardec neste capítulo citado:

Provas possíveis de identidade

“[255]. A questão de identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. É que, com efeito, os Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. Esta, por isso mesmo, é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático. Todavia, em muitos casos, a identidade absoluta não passa de questão secundária e sem importância real. (...)”

Modo de se distinguirem os bons dos maus Espíritos

“[262]. Se a identidade absoluta dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão acessória e sem importância, o mesmo já não se dá com a distinção a ser feita entre bons e maus Espíritos. Pode ser-nos indiferente a individualidade deles; suas qualidades, nunca. Em todas as comunicações instrutivas, é sobre este ponto, conseqüentemente, que se deve fixar a atenção, porque só ele nos pode dar a medida da confiança que devemos ter no Espírito que se manifesta, seja qual for o nome sob que o faça. (...)”

“[263]. Já dissemos que os Espíritos devem ser julgados, como os homens, pela linguagem de que usam. (...)”

“[264]. A bondade e a afabilidade são atributos essenciais dos Espíritos depurados. (...)”

“[265]. A inteligência longe está de constituir um indício certo de superioridades, (...)”

No item seguinte, Kardec nos apresenta 26 pontos relevantes que devem ser considerados como se fossem mandamentos para aqueles que tratam com espíritos em reuniões mediúnicas:

“[267]. Podem resumir-se nos princípios seguintes os meios de se reconhecer a qualidade dos Espíritos:”

“[1º] Não há outro critério, senão o bom-senso para se aquilatar do valor dos Espíritos. Absurda será qualquer fórmula que eles próprios deem para esse efeito e não poderá provir de Espíritos superiores.”

“[2º] Apreciam-se os Espíritos pela linguagem de que usam e pelas suas ações. Estas se traduzem pelos sentimentos que eles inspiram e pelos conselhos que dão.”

“[3º] Admitido que os bons Espíritos só podem dizer e fazer o bem, de um bom Espírito não pode provir o que tenda para o mal.”

“[4º] Os Espíritos superiores usam sempre de uma linguagem digna, nobre, elevada, sem eiva de trivialidade; tudo dizem com simplicidade e modéstia, jamais se vangloriam, nem se jactam de seu saber, ou da posição que ocupam entre os outros. A dos Espíritos inferiores ou vulgares sempre algo refletem das paixões humanas. Toda expressão que denote baixeza, pretensão, arrogância, fanfarronice, acrimônia, é indício característico de inferioridade e de embuste, se o Espírito se apresenta com um nome respeitável e venerado.”

“[5º] Não se deve julgar da qualidade do Espírito pela forma material, nem pela correção do estilo. É preciso sondar-lhe o íntimo, analisar-lhe as palavras, pesá-las friamente, maduramente e sem prevenção. Qualquer ofensa à lógica, à razão e à ponderação não pode deixar dúvida sobre a sua procedência, seja qual for o nome com que se ostente o Espírito. (N. 224.)”

“[6º] A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, senão quanto à forma, pelo menos quanto ao fundo. Os pensamentos são os mesmos, em qualquer tempo e em todo lugar. Podem ser mais ou menos desenvolvidos, conforme as circunstâncias, as necessidades e as faculdades que encontrem para se comunicar; porém, jamais serão contraditórios. Se duas comunicações, firmadas pelo mesmo nome, se mostram em contradição, uma das duas é evidentemente apócrifa e a verdadeira será aquela em que nada desminta o conhecido caráter da personagem. Sobre duas comunicações assinadas, por exemplo, com o nome de São Vicente de Paulo, uma das quais propendendo para a união e a caridade e a outra tendendo para a discórdia, nenhuma pessoa sensata poderá equivocar-se.”

“[7º] Os bons Espíritos só dizem o que sabem; calam-se ou confessam a sua ignorância sobre o que não sabem. Os maus falam de tudo com desassombro, sem se preocuparem com a verdade. Toda heresia científica notória, todo princípio que choque o bom-senso, aponta a fraude, desde que o Espírito se dê por ser um Espírito esclarecido.”

“[8º] Reconhecem-se ainda os Espíritos levianos, pela facilidade com que predizem o futuro e precisam fatos materiais de que não nos é dado ter conhecimento. Os bons Espíritos fazem que as coisas futuras sejam pressentidas, quando esse pressentimento convenha; nunca, porém, determinam datas. A previsão de qualquer acontecimento para uma época determinada é indício de mistificação.”

“[9º] Os Espíritos superiores se exprimem com simplicidade, sem prolixidade. Têm o estilo conciso, sem exclusão da poesia das ideias e das expressões, claro, inteligível a todos, sem demandar esforço para ser compreendido. Têm a arte de dizer muitas coisas em poucas palavras, porque cada palavra é empregada com exatidão. Os Espíritos inferiores, ou falsos sábios, ocultam sob o empolamento, ou a ênfase, o vazio de suas ideias. Usam de uma linguagem pretensiosa, ridícula, ou obscura, à força de quererem pareça profunda.”

“[10º] Os bons Espíritos nunca ordenam; não se impõem, aconselham e, se não são escutados, retiram-se. Os maus são imperiosos; dão ordens, querem ser obedecidos e não se afastam, haja o que houver. Todo Espírito que impõe trai a sua inferioridade. São exclusivistas e absolutos em suas opiniões; pretendem ter o privilégio da verdade. Exigem crença cega e jamais apelam para a razão, por saberem que a razão os desmascararia.”

“[11º] Os bons Espíritos não lisonjeiam; aprovam o bem feito, mas sempre com reserva. Os maus prodigalizam exagerados elogios, estimulam o orgulho e a vaidade, embora pregando a humildade, e procuram *exaltar a importância pessoal* daqueles a quem desejam captar.”

“[12º] Os Espíritos superiores desprezam, *em tudo*, as puerilidades da forma. Só os Espíritos vulgares ligam importância a particularidades mesquinhas, incompatíveis com ideias verdadeiramente elevadas. *Toda prescrição meticulosa* é sinal certo de inferioridade e de fraude, da parte de um Espírito que tome um nome imponente.”

“[13º] Deve-se desconfiar dos nomes singulares e ridículos, que alguns Espíritos adotam, quando querem impor-se à credulidade; fora soberanamente absurdo tomar a sério semelhantes nomes.”

“[14º] Deve-se igualmente desconfiar dos Espíritos que com muita facilidade se apresentam, dando nomes extremamente venerados, e não lhes aceitar o que digam, senão com muita reserva. Aí, sobretudo, é que uma verificação severa se faz indispensável, porquanto isso não passa muitas vezes de uma máscara que eles tomam, para dar a crer que se acham em relações íntimas com os Espíritos excelsos. Por esse meio, lisonjeiam a vaidade do médium e dela se aproveitam frequentemente para induzi-lo a atitudes lamentáveis e ridículas.”

“[15º] Os bons Espíritos são muito escrupulosos no tocante às atitudes que hajam aconselhar. Elas, qualquer que seja o caso, nunca deixam de objetivar um *fim sério e eminentemente* útil. Devem, pois, ter-se por suspeitas todas as que não apresentam este caráter, ou sejam condenáveis perante a razão, e cumpre refletir maduramente antes de tomá-las, a fim de evitarem-se mistificações desagradáveis.”

“[16º] Também se reconhecem os bons Espíritos pela prudente reserva que guardam sobre todos os assuntos que possam trazer comprometimento. Repugna-lhes desvendar o mal, enquanto que aos Espíritos levianos, ou malfazejos apraz pô-lo em evidência. Ao passo que os bons procuram atenuar os erros e pregam a indulgência, os maus os exageram e sopram a cizânia, por meio de insinuações pérfidas.”

“[17º] Os bons Espíritos só prescrevem o bem. Máxima nenhuma, nenhum conselho, que *se não conformem estritamente com a pura caridade evangélica*, podem ser obra de bons Espíritos.”

“[18º] Jamais os bons Espíritos aconselham senão o que seja perfeitamente racional. Qualquer recomendação que se afaste da *linha reta do bom-senso, ou das leis imutáveis da Natureza*, denuncia um Espírito atrasado e, portanto, pouco merecedor de confiança.”

“[19º] Os Espíritos maus, ou simplesmente imperfeitos, ainda se traem por indícios materiais, a cujo respeito ninguém se pode enganar. A ação deles sobre o médium é às vezes violenta e provoca movimentos bruscos e intermitentes, uma agitação febril e convulsiva, que destoa da calma e da doçura dos bons Espíritos.”

“[20º] Muitas vezes, os Espíritos imperfeitos se aproveitam dos meios de que dispõem, de comunicar-se, para dar conselhos pérfidos. Excitam a desconfiança e a animosidade contra os que lhes são antipáticos. Especialmente os que lhes podem desmascarar as imposturas são objeto da maior animadversão da parte deles. Alvejam os homens fracos, para os induzir ao mal. Empregando alternativamente, para melhor convencê-los, os sofismas,

os sarcasmos, as injúrias e até demonstrações materiais do poder oculto de que dispõem, se empenham em desviá-los da senda da verdade.”

“[21º] Os Espíritos dos que na Terra tiveram uma única preocupação, material ou moral, se se não desprenderam da influência da matéria, continuam sob o império das ideias terrenas e trazem consigo uma parte dos preconceitos, das predileções e *mesmo das manias* que tinham neste mundo. Fácil é isso de reconhecer-se pela linguagem de que se servem.”

“[22º] Os conhecimentos de que alguns Espíritos se enfeitam, às vezes, com uma espécie de ostentação, não constituem sinal da superioridade deles. A inalterável pureza dos sentimentos morais é, a esse respeito, a verdadeira pedra de toque.”

“[23º] Não basta se interrogue um Espírito para conhecer-se a verdade. Precisamos, antes de tudo, saber a quem nos dirigimos; porquanto, os Espíritos inferiores, ignorantes que são, tratam frivolamente das questões mais sérias. Também não basta que um Espírito tenha sido na Terra um grande homem, para que, no mundo espírita, se ache de posse da soberana ciência. Só a virtude pode, purificando-o, aproximá-lo de Deus e dilatar-lhe os conhecimentos.”

“[24º] Da parte dos Espíritos superiores, o gracejo é muitas vezes fino e vivo, nunca, porém, trivial. Nos Espíritos zombadores, quando não são grosseiros, a sátira mordaz é, não raro, muito apositada.”

“[25º] Estudando-se cuidadosamente o caráter dos Espíritos que se apresentam, sobretudo do ponto de vista moral, reconhecem-se-lhes a natureza e o grau de confiança que devem merecer. O bom-senso não poderia enganar.”

“[26º] Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é preciso, primeiro, que cada um saiba julgar-se a si mesmo. Muita gente há, infelizmente, que toma suas próprias opiniões pessoais como paradigma exclusivo do bom e do mau, do verdadeiro e do falso; tudo o que lhes contradiga a maneira de ver, a suas ideias e ao sistema que conceberam, ou adotaram, lhes parece mau. A semelhante gente evidentemente falta a qualidade primacial para uma apreciação sã: a retidão do juízo. Disso, porém, nem suspeitam. E o defeito sobre que mais se iludem os homens. Todas estas instruções decorrem da experiência e dos ensinamentos dos Espíritos. Vamos completá-las com as próprias respostas que eles deram, sobre os pontos mais importantes.”

[6.I] O diálogo com Espíritos ligados a cultos afro-mediúnicos

Uma situação específica que Kardec não tratou diretamente em seu tempo, que é muito própria do Brasil, mas para a qual devemos seguir as mesmas orientações dele, como se fosse qualquer tipo de Espírito, ao darmos atendimento a todo e qualquer Espírito que se identifique com nomes típicos dos cultos afro-brasileiros, ou se mostrem através da vidência fazendo alusão a qualquer uma destas entidades (preto velho, índio, caboclo, tranca rua, exú caveira e etc...).

Como já vimos com Kardec, indiferentemente do nome, vale mais o conteúdo que trazem com a comunicação. Podendo ser obsessores, necessitados ou trabalhadores, caberá ao

colaborador que estiver fazendo o atendimento com o auxílio do médium identificar no decorrer do diálogo o tipo de Espírito para direcionar a melhor técnica de atendimento.

Muitas vezes a dificuldade maior no atendimento ou recepção a estes Espíritos está no preconceito aos cultos afro-brasileiros, ou no medo de críticas ao grupo dentro da casa espírita. Alguns dirigentes pensam que ao receberem um preto velho, por exemplo, na reunião, para ajudar ou para serem ajudados, estarão rotulando o grupo como umbandista, mas não pensam da mesma forma, que estão se tornando um grupo católico quando recebem padres ou freiras, percebem?

O importante para nós espíritas é seguir as orientações de Kardec, “podemos ser indiferente a identidade, mas a qualidade nunca”, pouco importa se é freira ou preta velha. Se a espiritualidade encaminhou para atendimento, ou colocou como trabalhador no grupo um destes Espíritos deveremos fazer nossa parte confiando na equipe espiritual sem a pretensão de querer fazer doutrinação levados apenas pela identidade.

Da mesma forma que devemos respeitar e analisar o silêncio do Espírito que trabalha no anonimato, devemos ao Espírito que declina o nome que lhe convêm.

“ [256] (...) Não é a pessoa deles o que nos interessa, mas o ensino que nos proporcionam. Ora, desde que esse ensino é bom, pouco importa que aquele que o deu se chame Pedro, ou Paulo. Deve ele ser julgado pela sua qualidade e não pelas suas insígnias. Se um vinho é mau, não será a etiqueta que o tornará melhor.”

[6.J] O Espírito deve sair da reunião sabendo que desencarnou?

Este é outro assunto que deixa as opiniões divididas entre muitos trabalhadores de reunião mediúnica.

No livro Instruções Psicofônicas (1ª edição – 1956 pela FEB), no capítulo 46, com o título “Sessões Mediúnicas”, André Luiz nos recomenda: “Não fale da morte ao Espírito que a desconhece, para que ele descubra a realidade por si próprio”. No livro E a Vida Continua, do mesmo autor, vamos encontrar também essa preocupação, quando só “acidentalmente” o casal Evelina Serpa e Ernesto Fantini descobre que está do outro lado da vida.

Havendo abertura no decorrer do diálogo, devemos abordar o assunto se a situação assim merecer. Se um Espírito diz que não consegue falar com os familiares em casa, e o esclarecedor o faz refletir em que condições isso ocorre até que ele conclua, é uma boa técnica. Se o Espírito pergunta por que está acontecendo tanta coisa estranha, e o esclarecedor o leva a refletir sobre o que está estranho, também é uma boa técnica.

Se o Espírito vem de uma situação aflitiva qualquer, e é confortado no diálogo, aparenta melhoras, deve ser encaminhado concluindo o atendimento (entregue à espiritualidade). Não devemos considerar esta melhora como estar preparado para receber a notícia que desencarnou. O principal objetivo do atendimento já foi feito, que é o socorro espiritual. Daqui para frente, com as ideias mais claras, numa situação psíquica mais confortável, o Espírito irá deduzir assertivamente onde se encontra e em que situação.

Mas se temos a intuição de que devemos esclarecer o Espírito a respeito do desencarne, vamos ter o cuidado de não “matar” de susto novamente o Espírito. Coloque-se no lugar dele para entender melhor. Devemos então, leva-lo a dedução do que ocorreu, façamos perguntas do tipo, “como está se sentindo?”, “o que tem observado de diferente na sua vida?”, “como está o seu relacionamento com os seus familiares e conhecidos?”

É comum o argumento de muitos espíritas que o momento da manifestação é uma oportunidade única para o Espírito saber da verdade sobre o seu desencarne. Além dos esclarecimentos de André Luiz, vamos lembrar que:

O número de reuniões mediúnicas espíritas e não espíritas é muito pequeno, quase ínfimo, frente ao número de desencarnados que necessitam de socorro.

Como era feito este atendimento antes da doutrina espírita, que é relativamente muito nova ante a idade da humanidade na Terra?

Será que a misericórdia divina está aguardando o espiritismo se estruturar na Terra para dar vazão a um suposto passivo de Espíritos que necessitam de socorro?

Por dedução, aprendendo com Kardec, podemos notar que a espiritualidade não necessita dos encarnados para resolver esta situação. Os Espíritos já faziam reuniões mediúnicas no plano espiritual muito antes da codificação espírita. Na realidade a misericórdia divina vem mais ao nosso encontro, do que em favor dos desencarnados, pois os encarnados são muito mais atendidos na reunião mediúnica do que os desencarnados, pois se não houvesse médium nenhum na Terra, os Espíritos seriam somente e devidamente tratados no plano espiritual.

[6.K] Considerações finais das orientações ao Participante, ao Dirigente e ao Atendimento Médiun e Espírito comunicante

Este conjunto de orientações é somente uma leve pincelada para auxiliar e orientar aos neófitos nos primeiros passos dentro de um grupo mediúnico. É importante que os dirigentes estudem e incentivem aos integrantes do grupo a estudar a doutrina. Não podemos ficar acomodados e acreditar que se aprende o espiritismo somente com a prática mediúnica. Para concluir, pedimos licença para repetir o Regimento Interno, Art. 2º, item b:

“... dissemos que o Espiritismo é toda uma ciência, toda uma filosofia, quem, pois, seriamente queira conhecê-lo, deve, como primeira condição, dispor-se a um estudo sério e persuadir-se de que ele não pode, como nenhuma outra ciência, ser aprendido a brincar, ...” (O Livro dos Médiuns - Primeira Parte - Cap III - Do Método, item 18)